

MARQUE A PROVA: () Exercício Avaliativo AV1 (X) AV2 (X) 2ª CH () AV3 ()

Curso: PSICOLOGIA

Valor: 30,00

Turno: Diurno/Noturno

Período: 1º ao 10º

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

Aluno(a):

CASO CLÍNICO: SÁVIO

Sávio é um rapaz de 20 anos, branco, pobre, fumante, filho de pais separados – mora com a mãe e o irmão mais velho; caçula de três irmãos; com o ensino fundamental completo; aluno do curso de turismo do CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará); faz bicos em sua vizinhança para ganhar alguns trocados. Ele afirma ser admirador da China e de estudos sobre eletricidade, história, religião – a sua é “Testemunhas de Jeová” e gosta de “música tradicional dos países” (sic).

Sávio foi diagnosticado com transtorno somatoforme no setor de Psiquiatria de um hospital público de Fortaleza, já tendo passado por episódios depressivos. Segundo ele, sua doença é mais popularmente conhecida como “*feiúra imaginária*” e diz: “*Me achava com cara de idiota, me achava feio. Achava que eu tinha a testa grande demais, os olhos muito separados. Que é que tem? Eu me acho hoje parecido com o Samuel Rosa, com o Antônio Banderas.*”

Ele mora no bairro “**Cidade 2000**” que faz parte da região metropolitana de Fortaleza, com contraste socioeconômico visível. A casa de Sávio possui um portão de entrada enferrujado e a porta da casa é de madeira velha e comida pelo cupim. Nesse espaço, ele se reinventava diante das cobranças sofridas em casa pela sua mãe – espaço privado – e da liberdade reconhecida na rua – espaço público. Nessa ponte entre o público e o privado, ele encontrava a possibilidade de se desviar do tratamento medicamentoso e das obrigações familiares e estudantis, e de se aproximar do fumo e da bebida, quando tinha alguns trocados, indo ao encontro das expectativas de sua mãe: “Não posso ser o que ela deseja que eu seja”.

Além da real diferença entre “rico” e “pobre” presente no bairro “**Cidade 2000**”, os altos índices de violência, criminalidade e tráfico de drogas são também uma constante na comunidade, que é bastante criticada na sociedade fortalezense, especialmente pela mídia, pela incongruência de possuir um distrito policial – que anuncia ser um distrito modelo – na entrada do bairro e do fato de este não possuir segurança pública suficiente. Alguns de seus moradores, os que possuem melhores condições financeiras, são obrigados a pagar por segurança particular, a fim de zelar por suas próprias vidas.

Sávio é um rapaz jovem, solitário, que luta diariamente para enfrentar sua sensação de niilismo – desesperança, o que lhe atribuiu rotulações negativas, como, por exemplo, a de “pessoa desacreditada”. Tal rotulação negativa, além de outras, como: “maluco/louco, incapaz, burro, esquizofrênico, psicopata, maníaco”.

Em acompanhamento no setor de Psiquiatria a visão de Sávio sobre si mesmo e sobre o mundo fica clara em sessão com a psicóloga: “*Um jovem como esse que não tem nada na cabeça... É bem perturbadim, é nervoso... Tem um monte de gente que é perturbada por convívio... Eu nunca fui assim de julgar as pessoas, sempre brinquei, quando era criança, com branco, negro... Na verdade, eu não tenho problema nenhum, não tenho o que temer, nada me ameaça de morte. Acho que foi uma condição que deixou minha cabeça assim. Eu não era assim. Acho que tem alguma coisa desordenada no meu raciocínio.*”

Em relação aos outros ele diz: “*Eu não falo com eles, eles não falam comigo*”. Sávio continua: “*Eu não tenho amor próprio, na sociedade de hoje a gente se preocupa muito com a vida dos outros. Acho que na Idade Média tinha mais tempo para pensar em si. Acho que a melhor época foi quando o homem foi animal mesmo. Não tinha que se preocupar com os outros. Aquilo era racional, hoje é que é irracional. Eu me sinto como estranho, sei lá, como tem nos livros... Tudo que é de ruim, eu quero me comparar. Eu acho que meus amigos são normais e eu não. Eu prefiro ficar só, por via das dúvidas...*”

Conforme observações dos profissionais que o acompanham, Sávio sentia-se estranho, angustiado, inferiorizado em relação às pessoas de seu bairro. Inferior não somente pelo fato de ser pobre, de sentir-se oprimido o que também lhe provocava sofrimento psíquico. “*Eu fico muito nervoso quando as coisas estão desorganizadas. Eu sinto que meu pensamento fica desorganizado, não sei explicar, fica assim irracional*”.